

resposta chega fácil é um pouco chato. Seguir a história e pegar pequenas partes da informação mantém todos com a série”, diz John Turturro. O ator entende que a série é como um quebra-cabeça, mas que vai revelando as peças aos poucos para o público. “Todo mundo acha que quer saber, mas a resposta está no público tentar completar a equação”, acrescenta o ator.

*Ruptura* traz, em um invólucro bonito, uma mensagem densa e importante na discussão da realidade. “Nós queríamos algo que tocasse nesses problemas, mas que servisse como uma fuga da realidade também”, diz o criador e roteirista Dan Erickson. “Minha esperança é que os temas da produção sejam um pouco perigosos e que afetem de alguma forma o status quo. Essa é a intenção sempre que se cria uma história dessa”, completa.

Ou seja, por meio da ideia de ativar a curiosidade do público, a série também age como um cavalo de Troia. “Acho que muitas pessoas se interessam pela série por conta do caráter de thriller. E, a partir disso, essas ideias escondidas dentro da narrativa ficam para além do que elas estavam esperando assistir”, pondera Zach Cherry. “É empolgante ver como o público se conecta com a produção e o que tiram dela. Tem muitos temas que estamos questionando e explorando, é legal ver o quanto isso chega as pessoas de formas tão diferentes”, exalta.

Para Patricia Arquette, que vive a importante antagonista da primeira temporada, Cobel, a série diz muito sobre as questões sociais da atualidade. “Estamos vivendo uma crise como seres humanos e a série é um ponto de vista desse vortex que estamos dentro”, analisa a vencedora do Oscar por *Boyhood*. “Mesmo sendo uma ficção científica e algo ficcional, a estrutura da Lumon nós estamos criando como humanidade por milhares de anos”, adiciona.

Dessa forma, o grande acerto da série é contar uma história completamente fora da realidade, mas com temas extremamente relacionáveis nas entrelinhas. “Nós compartimentamos a nossa vida para que tudo funcione, e para que possamos lidar com os desafios que ela propõe. Eu acho que é por isso que a série é tão efetiva, porque há um entendimento e uma acessibilidade nela que o público consegue dialogar e se identificar”, acredita Trammel Tillman, responsável pelo personagem Milchick, que ganha muita importância na nova história. “Independentemente de você viver naquele mundo, você sabe o que é ir para um trabalho que você não gosta, ou estar em uma posição que você não tem ideia do que está rolando, ou ser empurrado para um nível de desconforto, ou até se perguntar quem você ou o que quer em relação aos outros”, explica.



**Adam Scott vive um Mark ainda mais perturbado e questionador**



**Christopher Walken volta para a segunda temporada com o personagem Burt, importante para Irving (John Turturro)**



**Milchick (Trammel Tillman) ganha novas nuances na temporada**



**Helly mostra dois lados da atuação de Britt Lower**



**Dylan (Zach Cherry) e Irving (John Turturro), mostram as personalidades fora da empresa**



**Patricia Arquette vive uma Cobel diferente nesta temporada**

## Viver é uma ruptura

Com a nova abordagem narrativa da segunda temporada, quatro dos principais atores da série ganham praticamente um novo personagem. Mark, Helly, Dylan e Irving têm as versões “innie” e “outie”. São muitas formas de explicar como fazer esse trabalho de dois personagens. Para Christopher Walken, que também tem a oportunidade de dar a nuance “outie” ao personagem que tinha um innie na primeira temporada, a analogia perfeita é na forma da pergunta: “Como seria se sua mão direita fizesse algo sem saber o que sua esquerda está fazendo?”. Já, Britt Lower encontra outra forma de entender. “Esses personagens soam como músicas diferentes de um mesmo instrumento ou de uma mesma banda. Porém, são com certeza dois lados de um álbum”, diz a atriz.

Na visão da intérprete de Helly, os personagens são como discos de vinil. “Foi importante abordar as duas partes desses personagens e ter um carinho especial pelo que é compartilhado desses lados A e lados B. O subconsciente e o trauma estão guardados em algum lugar ali. Inevitavelmente isso vai influenciar os dois lados”, comenta a atriz que inspira mais uma metáfora, dessa vez de John Turturro. “Nos antigos singles de 45 rotações, tinha o lado A e o lado B. Às vezes o lado B se saía melhor, mesmo não sendo pensado para ser o principal. Isso era um fenômeno”.

Walken ainda consegue trazer para o âmbito real. O ator acredita que o próprio trabalho é uma ruptura. “Atuar é um pouco como uma ruptura. Tem uma pessoa no trabalho e outra em casa. Há uma diferença e uma estranha correlação”, reflete o vencedor do Oscar por *Franco Atirador*. “Quando você é mais novo chega a ser difícil de dividir você mesmo do personagem que está interpretando. Você acaba se sentindo lá no alto, é difícil de mudar. Tem atores que apenas continuam, tem atores que bebem para se acalmar. Quando você aprende a separar é mais saudável”, concorda Turturro.

Arquette ainda adiciona uma nuance mais real à discussão. “Eu acho que todo mundo passou pela ruptura na vida real”, crê a atriz. “Temos uma personalidade on-line, uma pessoa para o trabalho, tem gente que tem uma segunda vida em um affair, uma pessoa no mundo dos games. Um indivíduo acaba sendo várias pessoas atualmente, em realidades desconectadas”, completa.

“Nós fazemos isso desde o ensino fundamental, nós estamos nos conformando com estruturas e tentando achar nosso caminho durante toda a nossa vida”, destaca Arquette. *Ruptura* pode parecer distante, mas nasce como uma perspectiva da sociedade que cerca os espectadores da série. “No final é uma história humana”, conclui Tilman.